



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LÍNGUAGEM  
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA ESPANHOLA

CLEUZA SILVA DE ALMEIDA

**SUMISIÓN Y RESISTENCIA DE LA MUJER FRENTE EL AUTORITARISMO:  
UN ANÁLISIS DE *ARRÁNCAME LA VIDA*, DE ÁNGELES MASTRETTA**

ABAETETUBA-PÁ  
2019

CLEUZA SILVA DE ALMEIDA

**SUMISIÓN Y RESISTENCIA DE LA MUJER FRENTE EL AUTORITARISMO:  
UN ANÁLISIS DE *ARRÁNCAME LA VIDA*, DE ÁNGELES MASTRETTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do grau de Licenciatura em Letras – Língua Espanhola, Faculdade de Ciência da Linguagem, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba.

Orientador: Prof. Dr. Marco Chandía Araya.

ABAETETUBA-PÁ

2019

CLEUZA SILVA DE ALMEIDA

**SUMISIÓN Y RESISTENCIA DE LA MUJER FRENTE EL AUTORITARISMO:  
UN ANÁLISIS DE *ARRÁNCAME LA VIDA*, DE ÁNGELES MASTRETTA**

Trabalho de Conclusão de Curso orientado pelo Prof. Dr. Marco Chandía Araya, apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Língua Espanhola na Faculdade de Ciência da Linguagem, da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba, como requisito para obtenção do grau do Curso de Licenciatura em Letras – Língua Espanhola.

**APROVADO EM:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Marco Antonio Chandía Araya  
Orientador – UFPA

---

Profª. Dra. Gracineia dos Santos Araújo  
Examinadora Externa – UFPA

Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre me apoiaram e me deram amor, sem eles nada seria possível. Dedico também a todas as mulheres determinadas, que lutam por uma existência melhor.

## AGRADECIMENTOS

Sobre tudo agradeço primeiramente a Deus, por sempre se fazer presente em minha vida, concedendo-me saúde, sabedoria e perseverança para alcançar meus objetivos. Me sinto muito feliz por neste momento estar concluindo este importante trabalho, só posso dizer que todo o esforço ao longo desses quatro anos recompensou-me.

Agradeço de todo o coração aos meus pais Ana Maria da Silva e Cristiano Cuimar Paciência de Almeida, por serem minha base, pelo amor e por sempre estarem ao meu lado, agradeço as minhas irmãs e irmãos, aos meus sobrinhos, que estão sempre me dando apoio e são pessoas fundamentais em minha vida. Agradeço também ao meu namorado que sempre esteve ao meu lado.

A trajetória da graduação é longa e por ela passam pessoas que marcam nossas vidas, desempenhando importantes direções na construção de quem somos e do que nos tornamos. Agradeço profundamente as minhas amigas e amigos do curso que sempre estiveram ao meu lado e que viveram comigo esta trajetória, agradeço as amigas e amigo: Fabianne Sagica, Keyla Rodrigues, Poliana Diniz e Diego Rodrigues, pelo apoio e companheirismo. Agradeço em especial as minhas amigas do coração minhas Deusas: Adriele Sena Branco, Andreia Coutinho Botelho, Beatriz Sagica do Carmo, Emily Abreu dos Santos e Iris Andrade Torres, pois se tornaram grandes irmãs para mim.

Agradeço a todos os meus professores, em especial de literatura que despertaram em mim a admiração pelo que estas escrituras representam em nossas vidas, agradeço muitíssimo ao meu orientador Prof. Dr. Marco Chandía Araya, por me auxiliar e fornecer suas valiosas contribuições para este trabalho agradeço também a Profa. Dra. Gracineia dos Santos Araújo por aceitar compor a banca de avaliação e trazer sua importante colaboração para a pesquisa.

Sou grata por tudo e por todas as bênçãos que foram derramadas sobre a força, a inspiração e as palavras de apoio que recebi. Só tenho e manifestar toda a minha gratidão e apreço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste estudo, agradecer e dizer que estou muito feliz por poder discutir um tema tão importante, principalmente para a conjuntura feminina.

## RESUMO

As normas sociais instituídas para as mulheres estabeleceram indiretamente suas identidades como classe feminina a margem de um domínio que predominou e que ainda predomina baixo um sistema de indiferenças de gêneros que afetam principalmente as mulheres. Esse sistema opressivo foi ainda mais intenso em meados do século XIX até o século XX e infligiu constantemente a autonomia feminina. No entanto, nesse contexto de opressão, surge a literatura, um meio pelo qual as mulheres poderão realizar seus protestos. Sucedeu-se a manifestação de muitas escritoras, defensoras e questionadoras femininas e feministas dos direitos que as mulheres deveriam e devem gozar. Nessa perspectiva, a escrita feminina busca demonstrar um novo ser; um ser humano livre e autônomo, destacando tudo o que as mulheres viveram e as conquistas que estão a alcançar. Dessa forma, o presente estudo, tem como objetivo demonstrar as marcas de subordinação e a construção da resistência da mulher contra o autoritarismo. Apresentando como objeto de investigação a obra *Arráncame la vida* (1985), da escritora mexicana Ángeles Mastretta. O estudo torna-se relevante, à medida que busca contribuir com reflexões e questionamentos sobre o papel da mulher na sociedade, dando visibilidade a um problema sociocultural e de gênero, que precisa ser constantemente debatido. Em relação aos termos metodológicos, o estudo baseou-se em pesquisas bibliográficas de autores como Lerner (1990), Beauvoir (1970), Butler (2015), Golubov (1994), Duby e Perrot (1991), Lamas (2000), Scott (1986), Canezin (2007) e outros.

**PALAVRAS-CHAVES:** Submissão. Autoritarismo. Mulheres. Resistência

## RESUMEN

Las normas sociales instituidas a las mujeres, establecían indirectamente sus identidades como clase femenina al margen de un dominio que rigió y que aún rige bajo un sistema de indiferencias de géneros que afectan principalmente a las mujeres. Este sistema opresor era más intenso aún en la mitad del siglo XIX que en el XX, e infligía constantemente la autonomía femenina. Sin embargo, en este contexto de opresión, surge la literatura, un medio por el cual la mujer puede realizar sus protestas. Hubo la manifestación de muchas escritoras femeninas, y feministas defensoras y cuestionadoras de los derechos que las mujeres deberían y deben gozar. En esta perspectiva, la escritura femenina busca demostrar un nuevo ser; un ser humano libre y autónomo, destacando todo lo que las mujeres han pasado y las conquistas que ellas están logrando. De esta forma, el presente estudio, tiene como objetivo evidenciar los trazos de subordinación y la construcción de resistencia de la mujer frente al autoritarismo. Presentando como objeto de investigación la obra *Arráncame la vida* (1985), de la escritora mexicana Ángeles Mastretta. El estudio se torna relevante a medida que busca contribuir con las reflexiones y cuestionamientos sobre el papel de la mujer en la sociedad, dando visibilidad a un problema sociocultural y de género, que necesita ser constantemente debatido. En cuanto a los términos metodológicos, el estudio se basó en la investigación bibliográfica de autores como Lerner (1990), Beauvoir (1970), Butler (2015), Golubov (1994), Duby y Perrot (1991), Lamas (2000), Scott (1986), Canezin (2007) y otros.

**PALABRAS-CLAVES:** Sumisión. Autoritarismo. Mujeres. Resistencia.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUCCIÓN.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>ESTUDIOS DE GÉNEROS.....</b>	<b>10</b>
<b>3</b>	<b>FEMINISMO Y CULTURA EN AMERICA LATINA.....</b>	<b>14</b>
<b>4</b>	<b>LA NOVELA MEXICANA CONTEMPORÁNEA.....</b>	<b>19</b>
<b>5</b>	<b>ÁNGELES MASTRETTA Y LA ESCRITURA DE MUJERES EN LA LITERATURA MEXICANA DE FIN DEL SIGLO XX. TRADICIONES Y RUPTURAS.....</b>	<b>24</b>
<b>6</b>	<b>ARRÁNCAME LA VIDA. ANÁLISIS CRITICO.....</b>	<b>28</b>
<b>6.1</b>	<b>Modos de sumisión, autoritarismo y resistencia presentes en la obra.....</b>	<b>29</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERACIONES FINALES.....</b>	<b>36</b>
	<b>REFERENCIAS.....</b>	<b>38</b>

## 1 INTRODUCCIÓN

El presente trabajo aborda como objeto de estudio la obra *Arráncame la vida*, publicada en 1985, de la escritora mexicana Ángeles Mastretta (1949). Tal estudio irá a evidenciar trazos de la subordinación vivenciada por la mujer, así como la construcción de su resistencia frente el autoritarismo patriarcal latinoamericano.

En el transcurso de la historia, nos encontramos con muestras sobre la realidad social de la mujer. En nuestra sociedad, se vivió y aún se vive bajo un sistema de indiferencias de género que afecta principalmente a las mujeres, en la cual se instauran normas que vienen a definir los papeles sociales entre los sexos femenino y masculino. Sobre esta cuestión, Lööv (2006, p. 06) señala que,

Las relaciones entre los sexos son condicionadas por el género, que podemos ver como un contrato y este contrato se basa en normas, es decir leyes implícitas. Las normas dicen cómo es ser y comportarse los hombres y las mujeres y lo que sería propio de cada sexo. Pensamos que las normas tienen un rol importante en la formación de la identidad de los seres humanos. La identidad es algo que se construye, no es algo que se hereda.

Se parte de estos roles sociales entre géneros, que vienen por años siendo discutidos. El estudio se dispone así a contribuir con las investigaciones, reflexiones y cuestionamientos antes ya realizadas, sobre la actuación de la mujer en la sociedad, enfatizando a partir de la obra las marcas y los momentos de subordinación y de la construcción de resistencia de la mujer delante a estos actos de dominación, los cuales se basan en una cultura machista, proveniente de un orden autoritario y patriarcal. De esta forma, la investigación se manifiesta en favor de un discurso que viene siendo destacado por las mujeres en el transcurso de la historia, un discurso en búsqueda de igualdad, respecto y de la independencia femenina.

La escritura fue un recurso por medio del cual posibilitó a las mujeres a exponer estos reclamos. Sirvió como un mecanismo de representaciones a las demandas sociales, principalmente a los que se refiere la situación de la mujer como sujeto. La novela *Arráncame la vida* es una muestra de este tipo de escritura que, con el fin de dar visibilidad a las mujeres, y desde la autoría femenina, aborda temáticas relevantes, tanto para el contexto femenino como para la subordinación, el patriarcado y la resistencia; así también para conocer el contexto histórico-social en que se inserta, que fue el de la Revolución Mexicana ocurrida en 1910, cual se construye como un movimiento armado y de resistencia en búsqueda de combatir la opresión y cambiar la realidad política del País.

En esta perspectiva, la investigación va a desenvolverse mediante las discusiones que van a seguir desde de las cuestiones que envuelven los estudios de género, como representatividad para la construcción social del sujeto-individuo. Entre las contribuciones y críticas feministas, las cuales fueron de gran importancia para la emancipación e intensificación de la lucha de las mujeres, la escritura fue esencial para visibilizar sus cuestiones y sus reivindicaciones. Se estudiará todo esto hasta llegar al análisis de la obra que debería evidenciar dicha condición subordinada y a su vez la transformación del sujeto mujer.

## 1 ESTUDIOS DE GÉNEROS

El género es una categoría de representación y construcción del sujeto, es un elemento histórico, el cual puede aún ser representado como instrumento de distinción entre los dos sexos existentes, el masculino y el femenino, en base de la anatomía y fisiología humana, sin embargo, en estudios que abordan esta esfera, el género se vuelca más hacia la construcción social del individuo que para la distinción sexual. Según Scott (1986, p. 23), “el género es un elemento constitutivo de las relaciones sociales basadas en las diferencias que distinguen los sexos y el género es una forma primaria de relaciones significantes de poder”, formando así clases de diferencias sociales, comportamientos y papeles que representan los sexos. Mujeres y hombres empiezan a ocupar posiciones diferentes, formando escenarios de desigualdad y conflictos sociales entre géneros, pues se inicia un discurso que discutirá la superioridad del masculino por sobre el femenino, así como la actuación de estos géneros

Como ninguna identidad es estable ni se construye de una vez por todas, es posible analizar cómo el sujeto del discurso literario se constituye diferencialmente a través de prácticas discursivas complejas y cambiantes sin desconocer que es un sujeto que, inmerso en condiciones de producción determinadas, habla desde un cuerpo entendido no como esencia ni página en blanco biológica donde se inscribe e impone el género, sino como ese espacio siempre ya construido por discursos y prácticas donde opera el poder (GOLUBOV, 1994, p. 121).

El género y la sexualidad, así como sus actuaciones, son retratos del poder de cambios que se instauran en medio a prácticas y discursos de los individuos. En este contexto, el género fue utilizado por historiadores, filósofos e investigadores de las ciencias sociales como instrumento de análisis. La antropología fue la precursora de estos estudios que a lo largo de la historia se fueron intensificando; y en esta perspectiva del estudio antropólogo, una de las vanguardistas fue la norteamericana Margaret Mead (1901-1978), que además de tratar de

temas sociales, biológicos y fisiológicos, abordaba principalmente las relaciones y comportamientos sociales representativos de los géneros.

Las cuestiones de género entonces necesitaron ser discutidos en razón de las divergentes visiones teóricas que estaban surgiendo. Scott (1986, p. 08) menciona que “En realidad el desafío estaba en reconciliar la teoría, formulada en términos generales o universales, y la historia, comprometida con el estudio de la especificidad contextual y el cambio fundamental”. Teorías que fueron siendo empleadas para explicar o simplemente para apuntar consideraciones acerca del género, estas necesitaron ser entendidas dentro a su especificidad y cambio,

Uma das propostas da História preocupadas com gênero é entender a importância, os significados e a atuação das relações e representações de gênero no passado, suas mudanças e permanências dentro dos processos históricos e suas influências nesses mesmos processos (PINSKY, 2009, p. 162).

Así que para los investigadores entender de hecho lo que representa el género, como éste fue y está siendo interpretado dentro de los períodos históricos hasta la actualidad, es el punto principal de los estudios. El género entonces fue demostrado como responsable de la construcción social del individuo. Lamas (2007, p. 01) apunta que “El género es el conjunto de creencias, prescripciones y atribuciones que se construyen socialmente tomando a la diferencia sexual como base”. Cada ser construye su propia identidad independiente de su naturalidad biológica, aún Butler (2003, p. 24), cita que “a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo”. La construcción es independiente, por eso género se distancia de sexo, en tanto que los distingue el concepto de identidad.

Los estudios sobre género entraron en vigor dentro de los discursos y cuestionamientos de investigadores a medida que el predominio del sexo masculino sobre el femenino era representado en la mayoría de las teorías, ya que en gran parte eran construidas por hombres. Lamas (2000, p. 06) “Los sistemas de género sin importar su período histórico, son sistemas binarios que oponen el hombre a la mujer, lo masculino a lo femenino, y esto por lo general, no en un plan de igualdad sino en un orden jerárquico”. Hubo así, en este sentido, una preocupación en demostrar estudios cerca de la representación de estos géneros, de la posición que ejercían los sexos masculino y femenino, bien como su construcción y lugar social. Las cuestiones de género, fueron y aún son discutidas e investigadas por filósofos, escritores y críticos, estudios que tomarán enfoques mayores con las teorías de la historiadora Joan Scott (1941), acompañada de las concepciones de la filósofa Judith Butler (1956), y otras que empezarán a manifestarse,

así como las teorías de género, mujer y construcción social de autores como Jacques Lacan (1901) y Michel Foucault (1926),

A historiadora Joan W Scott colocou um desafio fundamental à profissão histórica com o seu ensaio pioneiro de 1986, “Gender: a useful category of historical analysis”. Esse artigo, juntamente com sua coleção de ensaios *Gender and the Politics of History* (1988), marcou e teorizou a substituição da História das Mulheres para a História de Género, que estava em andamento por algum tempo, e convocou os/as historiadores/as do assim chamado main-stream a considerar género como uma categoria essencial de análise histórica. Ao introduzir teoria pós-estruturalista na História das Mulheres/de Género, Scott assentou os fundamentos para uma reinterpretação crítica de conceitos tais como experiência, agência e identidade e colocou género no coração das nascentes discussões históricas do pós-estruturalismo (CANNING, 1992 *Apud* LOURO 1995, p. 104).

El estudio de género comienza entonces a tener gran repercusión en el contexto de la década del sesenta con el movimiento feminista, momento el cual las mujeres empiezan a tener más voz, a ser parte de hecho de una lucha de mujeres, siendo que desde antes existían estudios enfocados en la temática feminista. Pero en los sesenta hubo una ruptura definitiva entre mujer y género, como apunta Gamba (2008, p. 04),

El denominado “nuevo feminismo”, comienza a fines de los sesenta del último siglo en los EE.UU. y Europa, y se inscribe dentro de los movimientos sociales surgidos durante esa década en los países más desarrollados. Los ejes temáticos que plantea son, la redefinición del concepto de patriarcado, el análisis de los orígenes de la opresión de la mujer, el rol de la familia, la división sexual del trabajo y el trabajo doméstico, la sexualidad, la reformulación de la separación de espacios público y privado.

Una nueva coyuntura de mujeres surgió llevando como apoyo el post estructuralismo que empezaba a predominar en la sociedad, una radicalización de teorías y perspectivas formadas por intelectuales en Europa. Así, la corriente de transformaciones feministas y post estructuralistas fueron el eje para los estudios y cuestionamientos acerca del género y consecuentemente de la representación de la mujer.

Históricamente existe una división de papeles entre hombre y mujer totalmente enraizados, donde la mirada de opresión y sumisión de la mujer es uno de los puntos más fuertes y frecuentes. La diferencia sexual y los parámetros sociales a lo largo de la historia, introducirán desigualdades que van más allá del sistema biológico, donde el sexo femenino sufre rechazo y sumisión en relación al sexo masculino. Fue instalada, en este contexto social, una corriente patriarcal, donde se tenía la visión de soberanía del hombre sobre la mujer

El estudio de los estereotipos de género ha sido reforzado por las técnicas de los historiadores sociales y estimulado por las preguntas de las académicas feministas.

Las feministas han sumado su interés por el estudio de las experiencias de la mujer al tradicional interés de los historiadores sociales por entender las vidas de aquellos que se hallan fuera de las estructuras oficiales de poder (LAMAS, 2000, p. 03).

La representación únicamente masculina en las investigaciones, la falta de valoración, de estudios en que la mujer esté presente, o sea uno de los enfoques principales y en el que no sea siempre el personaje que represente un papel marginal o poco explorado, hablada en la variedad de textos que seguían surgiendo, y por tanto molestó a gran parte de las mujeres que tomaron la iniciativa de construir su propia historia y así romper estereotipos. Como apunta Pinsky (2009, p. 160) “A História das Mulheres adquiriu expressão a partir década de 1970, inspirada por questionamentos feministas e por mudanças que ocorriam na historiografia, entre as quais, a ênfase em temas como família, sexualidade, representações, cotidiano, grupos excluídos”, así que los movimientos feministas, resurgidos en los años sesenta, fueron de fundamental importancia para la discusión de la mujer en la historia, pues estos exigieron y fueron exigidos de comprender y explicar la condición de subordinación que vivían las mujeres (BARBIERE, 1993).

Entre el estudio de géneros entra también el estudio a la historia íntima de las mujeres, teniendo en vista la situación de opresión que sufrió el sexo femenino en el transcurso de la historia, las contribuciones feministas en esta perspectiva tuvieron gran importancia para dar voz a su realidad,

Há um esforço para dar visibilidade à mulher como agente social e histórico, como sujeito; portanto o tema sai das notas de rodapé e ganha o corpo dos trabalhos. Surgem estudos preocupados não só em desvendar a opressão das mulheres, como também em demonstrar que a abordagem destas questões pode trazer contribuições importantes ao entendimento da sociedade (ALBERTINA COSTA ob. cit. 1985, *Apud* LOURO, 1995, p. 102).

Cerca de este enfoque para dar visibilidad a la mujer y a las demandas de géneros, los estudios tuvieron una vasta diversidad de teorías, y no solamente femenina, considerándose las concepciones de autores como Michel Foucault que aporta fundamentales argumentos. En “Historia da sexualidade I: A vontade de saber” (1988), nos muestra, por ejemplo, la represión de poder que se instauró sobre el sexo, las divergencias sociales que necesitan ser abordadas y posteriormente entendidas, para alcanzar juicios que liberen esta concepción enraizada de poder, soberanía y subordinación.

Así también fueron de suma importancia las contribuciones de la pensadora Simone Beauvoir (1908), que despertó primeramente la cuestión del ser mujer, cuando cita que es necesario convertirse en una mujer, y no solamente nacer biológicamente. E “O segundo sexo”

(1949), la escritora va a tratar el tema de la mujer, del sexo oprimido y posteriores demandas sociales que se instalarán sobre la mujer. En esta perspectiva surgirán también otras autoras importantísimas para este discurso, como Virginia Wolf (1882- 1941), Joan W. Scott (1941) y otros autores que discutirán y profundizarán dichas concepciones.

## 2 FEMINISMO Y CULTURA EN AMÉRICA LATINA

La marca de patriarcado y superioridad del hombre sobre la mujer surge con el inicio de la historia humana, introducida por un sistema cultural de una hegemonía que predominó principalmente en la institución familiar y religiosa. En este contexto, Costa (2003, *Apud* BECK & GUIZZO 2013. p. 175), señala que “Cultura transmuta-se de um conceito impregnado de distinção, hierarquia e elitismos segregacionistas para um outro eixo de significados em que se abre um amplo leque de sentidos cambiantes e versáteis”, así la cultura permite la introducción de cúmulo de nuevas posibilidades, todo puede ser cambiado o seguir por generaciones con un mismo concepto, dependiendo de la representación social en que las vivencias culturales van a ser introducidas o repasadas. En esta perspectiva Scott (1986), apunta los roles entre los sexos, así como el entendimiento acerca de género y cultura y de padrones que los reprimen,

género, se emplea también para designar las relaciones sociales entre sexos. Su uso explícito rechaza las explicaciones biológicas, del estilo de las que encuentran un denominador común para diversas formas de subordinación femenina en los hechos de que las mujeres tienen capacidad para parir y que los hombres tienen mayor fuerza muscular. En lugar de ello, género pasa a ser una forma de denotar las “construcciones culturales”, la creación totalmente social de ideas sobre los roles apropiados para mujeres y hombres (SCOTT, 1986, p. 06).

La visión del hombre como el jefe y la autoridad mayor, fuese en el ámbito familiar, en organizaciones o en la toma de decisiones, fue una ideología por años culturalmente dominante, pero que logró cambios debido a los cuestionamientos femeninos insertos, como certifica Sadenberg y Costa (1994, p. 81),

A subordinação da mulher na sociedade, além de se manifestar como fenômeno milenar e universal, também figura como a primeira forma de opressão na história da humanidade. Em contraste, o surgimento de uma consciência crítica “feminista” acerca dessa opressão específica e os movimentos de emancipação e libertação da mulher, são fenômenos bastante recentes.

Los estudios se acercan a esta representación que demuestra el hombre y la mujer, a los padrones que le divergen y a la historia social que inserta individualidades entre los sexos, siendo así presentado como cultura social la diferencia del hombre y de la mujer, una diferencia

no más biológica sino de poderes, de papeles y de mentalidad. Lauretis (1994, *Apud* BELLIN, 2011, p. 06), resalta que “as concepções culturais de masculino e feminino como duas categorias complementares formam, dentro de cada cultura, um sistema de gênero, um sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais”. Esto ocurre dentro de un modelo sociocultural centrado en lo masculino, en el discurso en que la mujer fue hecha para determinados deberes y en el que el hombre para otros diferentes; una definición sociocultural que se eleva sobre hombre y mujeres. Es a partir de estos discursos y de estas diferencias que el movimiento feminista intenta romperlos. Es notable que los padrones culturales cambian a medida que se van intensificando los debates y las luchas constantes para el cambio de una realidad desigual.

La autoridad del hombre fue cada día tornándose un ideal social muy fuerte, las normas instituidas a las mujeres establecían indirectamente sus identidades, como clase femenina al margen de un dominio. Este sistema se tornaba más imponente cuando se tenía el apoyo familiar (padres, maridos, hermanos, etc.), un conjunto de personas que infligían la autonomía femenina. Sin embargo, en el período del siglo XIX y a principios del siglo XX, surgirán escritoras femeninas, y feministas, filósofas, investigadoras, un grupo de pensadoras y artistas que comenzaron a denunciar y a criticar al sistema patriarcal. Fueron defensoras y cuestionadoras de los derechos básicos de los derechos femeninos. Como apunta, Lerner (1990, p. 04) “Las mujeres han hecho historia, aunque se les haya impedido conocer su Historia e interpretar tanto la suya propia como la de los hombres. Se las ha excluido sistemáticamente de la tarea de elaborar sistemas de símbolos, filosofías, ciencias y leyes”, en todos los ámbitos la participación de la mujer fue vedada por un sistema opresor, aunque muchas mujeres han sufrido persecuciones, estas no se dejaron amedrentar.

Para esta lucha de mujeres en la búsqueda de su emancipación, el movimiento feminista fue de fundamental importancia, a medida que las feministas no se conformaron con la dominación sobre ellas establecida, el movimiento antes, el periodo de la Revolución francesa,

La lucha de la mujer comienza a tener finalidades precisas a partir de la Revolución Francesa, ligada a la ideología igualitaria y racionalista del Iluminismo, y a las nuevas condiciones de trabajo surgidas a partir de la Revolución Industrial. Olimpia de Gouges, en su “Declaración de los Derechos de la Mujer y la Ciudadana” (1791), afirma que los “derechos naturales de la mujer están limitados por la tiranía del hombre, situación que debe ser reformada según las leyes de la naturaleza y la razón” (GAMBA, 2008 p. 02).

En este contexto de revolución y reclamo, las mujeres empiezan a ganar lugares en el trabajo fuera de casa, se dispersan por usinas, industrias y otras áreas, sin embargo, el trabajo

femenino es considerado mano de obra barata, y una vez más las mujeres se encuentran en situación desigual, por la remuneración, por las condiciones de trabajo ofrecidas y por el tratamiento a las que son sometidas. El movimiento feminista entonces se manifiesta para romper con los escenarios desiguales ofrecidos a las mujeres, Sternbach et. Al. (1994, p. 255) “As feministas contemporâneas na América Latina nasceram, portanto, como movimentos intrinsecamente de oposição” la movilización siguió desde el contexto europeo, y se multiplicó en el transcurrir de los años por el continente, pero la propagación del movimiento feminista solo se concretiza en la década de sesenta y setenta,

A partir do momento em que surgiram os primeiros grupos feministas, em meados da década de 70, muitas feministas latino-americanas não apenas desafiavam o patriarcado e seu paradigma de dominação machista -o estado militarista ou contra-insurgente- mas também juntavam forças com outras correntes de oposição, ao denunciarem a exploração e a opressão social, econômica e política (STERNBACH ET. AL, 1994, p. 258).

En este período el movimiento se hace presente en América Latina y es cuando empieza a aparecer su voz iniciada en un manifiesto por medio de la escritura. En este sentido surge la literatura, un medio por el cual estas escritoras femeninas pudieron realizar sus reclamos. La literatura femenina latinoamericana viene entonces construyendo espacios y buscando la representación de una identidad, que rompe con innumerables estereotipos sociales, como enfatizan Souza & Dias (2013, p. 152) “muitas mulheres, mesmo sendo uma minoria, desempenharam importantes papéis enquanto leitoras e escritoras assíduas para jornais e revistas, tanto produzindo poesia quanto prosa, e escrevendo livros acerca de normas sociais”. El texto literario sirvió como instrumento de denuncia y reivindicación para estas mujeres que se veían repelidas en medio a la sociedad. Esta corriente de mujeres, que se dispone a interrumpir padrones, a cambiar la realidad de las mujeres, a hacer una nueva historia, la historia de las mujeres y de su emancipación, tiene como figura principal en la construcción de la mujer dentro de la literatura a Sor Juana Inés de la Cruz (1648-1695), una de las primeras escritoras con una obra reconocida, convirtiéndose en incentivo para otras mujeres que ingresarán al mundo literario, político y social,

La modorra del siglo xviii se romperá con la aparición, en 1816, de la primera novela mexicana: El Periquillo Sarniento, de José Joaquín Fernández de Lizardi; esta novela picaresca es el punto de partida de un periodo prolífico de la literatura, que durante el siglo xix y el xx alcanzará una altura comparable a la del siglo xvii con Sor Juana, cuya obra es rescatada y parece ser el referente de la literatura del siglo xx (JURADO, 2016, p. 33).

Las mujeres a partir del siglo XX, empiezan a ganar voz y un lugar social, dejando para atrás lo que desde el inicio de la historia humana fue su realidad, cargada por muchos años el papel de ama de casa, del sexo frágil en el que les fue instruido un modelo de vida pasivo, por las diferencias genéticas que se construyen entre hombres y mujeres. Acerca de este punto Duby & Perrot (1991, p. 52), mencionan que “Más que nunca, la sexualidad femenina se halla encerrada en la alternativa madre o prostituta, y más que nunca también, se considera a la familia célula fundamental de la sociedad”. Las mujeres han tenido dos papeles en la sociedad, si no aceptaban ser ama de casa y madres eran vistas como impuras, perdidas y por lo tanto rechazadas por la sociedad.

El sexo femenino no tuvo la oportunidad de demostrar su capacidad, visto que en el ámbito social y cultural su función fue instaurada y definida como esposa, mujer que fue hecha para procrear, incapaz de realizar otras responsabilidades. Esta atribución sofocó a las mujeres, hasta llegar el punto en que muchas de ellas tenían ansias de cambiar su realidad de hacer historia, de ser libre, de tener la igualdad de oportunidades,

O feminismo pressupõe o surgimento de uma consciência de gênero feminina, que poderíamos dizer feminista, na qual estão projetadas e reelaboradas as desigualdades vivenciadas por determinadas mulheres, num determinado momento da história. O surgimento dessa consciência “feminista”, por sua vez, é um processo coletivo que se dá “... no interior das relações de gênero, e que se materializa nas práticas sociais, tanto em nível das relações homens-mulheres, quanto das relações mulheres-homens (SADENBERG & COSTA 1994, p. 83).

El movimiento feminista y su crítica en este contexto, integra un grupo de mujeres para luchar por conquistas, las cuáles tuvieron éxito en el transcurrir de los años y de intensificación del movimiento. Una de estas principales conquistas de las mujeres en la coyuntura del siglo XX fue el derecho al voto y más tarde el logro a trabajos, a cargos importantes y en la toma de decisiones. Gamba (2008, p. 04) dice: “El Feminismo como Movimiento Social o Nuevo Feminismo. Al finalizar la Segunda Guerra Mundial, las mujeres consiguieron el derecho al voto en casi todos los países europeos, pero paralelamente se produjo un reflujo de las luchas feministas”. La reivindicación de las mujeres por derechos y logros sociales, fue una lucha que tuvo sus inicios años antes la Segunda Guerra Mundial, pero que solo tuvo éxito años después: en este período las mujeres intensificaban las protestas, produciendo acciones en las calles, gritos de libertad e igualdad, Duby & Perrot nos muestran uno de estos gritos de guerrillas creados por las mujeres en busca del derecho al voto (1991, p. 35), “votos para las heroínas, al igual que para los héroes”.

De esta manera también hubo protestas para lograr el trabajo femenino, que fue conquistado años después, principalmente con la llegada del capitalismo en la sociedad. Pero acá con el encajamiento nuevamente de la mujer en las industrias, bajo otra realidad, pues ahora había reconocimiento de su trabajo. Como apunta Duby & Perrot (1991, p. 65) “No hay duda de que esta movilización desemboca en un crecimiento absoluto y relativo del empleo femenino en la metalurgia, los metales, la electricidad y la química, crecimiento particularmente acusado en las grandes empresas”. A estos roles se suma su aparición en la literatura, siendo escritoras y también protagonistas. En relación a su escritura y protagonismo sufrieron sin embargo represiones, tanto que en sus obras para ser aceptadas debieron usar seudónimos con nombre de hombres. Otras eran obligadas a acatar los mandos y dirección de los hombres en sus escrituras. Como enfatiza Golubov (1994, p.120) “un reto directo a las condiciones de subordinación exige que las mujeres hablen/escriban como sujetos masculinos y reproduzcan sus términos”, todo se tornaba en un acto claro de subordinación.

El movimiento feminista construyó puentes para la abertura de protestas sociales, surgirán diversos grupos que reclamaban por derechos, por condiciones mejores de vida. Por esto el movimiento abrió una serie de categorías que representan cada demanda que exigen las mujeres. Sadenberg & Costa (1994, p. 82): “há que se distinguir o feminismo enquanto doutrina (ideología) do movimento social (e seus fluxos e refluxos) e, de outro, considerar as diferenças entre as varias correntes feministas, seus pressupostos teóricos e suas práticas políticas”. En este sentido se tiene las divergentes direcciones feministas que se instauraran en el transcurrir de los años, y que es necesario aclarar las corrientes que enfatizan la lucha por la igualdad de forma contraria al radicalismo y las corrientes radicales, que implantan discursos intransigentes. Así que el reclamo de las mujeres como parte del feminismo no radical se inicia primeramente en la búsqueda de analogía entre los géneros, libertad, toma de decisiones, derechos sociales, como el voto, el trabajo, la escritura, que según Zawierzeniec (2015, p. 07)

desde el siglo XVII el rol de la mujer en el mundo intelectual resultaba de alguna manera relevante. El caso más conocido de Sor Juana Inés de la Cruz lo hace patente, investigaciones recientes han sacado a la luz textos escritos por otras muchas monjas que esperamos sean estudiados y divulgados debidamente,

Se manifestaron también junto a Sor Juana Inés otras escritoras que rompían con las escrituras de la dominación y el protagonismo masculino, como Gabriela Mistral (1889-1957), quien escribió sobre temas relacionados a las mujeres, el amor, el aprecio a la maternidad y otras cuestiones. Con ella se asoma también Alfonsina Storni (1892-1938), una de las

principales voces de influencia para el feminismo, quien se declaró más tarde feminista, mujer, independiente que no tenía miedo de enfrentar a los mandos y culturas patriarcales.

Las mujeres que escriben en este período de tránsito de los finales del modernismo y desarrollo del vanguardismo, expresaron un mundo interior pleno de intensidad lírica, expresado sin temor ni vergüenza de ser mujeres, de sentirse artistas y libres. Probablemente por esto, aparecen como personas extrañas, revoltosas, demasiado sensibles. Son las trágicas de la historia cultural latinoamericana: Alfonsina Storni se suicidó, Delmira Agustini murió asesinada por su marido, María Luisa Bombal intentó asesinar a un antiguo amante, y María Antonieta Rivas Mercado se suicidó en la Catedral de Notre Dame, en París (GUARDIA 2013, p. 06).

Estas escritoras rompieron padrones, hicieron historia, para abrir un nuevo modelo y una nueva coyuntura de intensidad literaria. Así, en este período de aperturas hubo movimientos en razón de diferentes cuestiones sociales, como la de trabajador del campo, las clases marginales, de donde también las mujeres eran parte, y tratándose de las mujeres en este movimiento, fueron reclamadas las condiciones de trabajo, como lugares saludables y buenas remuneraciones, destacando también sobre el discurso del aborto y de la elección de mujeres en no ser madres. En verdad, la lucha de las mujeres viene siendo hasta hoy vista dentro de un sinnúmero de conflictos sociales en que la mujer va ganando mayor protagonismo.

### **3 LA NOVELA MEXICANA CONTEMPORÁNEA**

La novela es una producción literaria que se desarrolla en un eje narrativo de acontecimientos y acciones. Así, en el contexto de México la novela fue introducida para hacer visible los acontecimientos remotos y vigentes en el país, como también esbozar una trayectoria histórica, que sigue desde las conquistas hasta las guerras y conflictos sociales, que más tarde resultaron en una revolución social que afectó a todas las demandas del país,

La novela mexicana, desde el momento mismo de su aparición, (que se ha hecho coincidir con la de *El Periquillo Sarniento* de Jose Joaquin Fernandez de Lizardi) ha sido, no un pasatiempo de ociosos ni un alarde de imaginativos ni un ejercicio de retóricos, sino algo más: un instrumento útil para captar nuestra realidad y para expresarla, para conferirle sentido y perdurabilidad. En suma, la novela se ha concebido en México de manera igual a como lo hizo Thomas Mann: como una aspiración al conocimiento lúdico (CASTELLANOS, 1964, p. 223).

Este género literario ha propiciado la transparencia a los acontecimientos, bien como la producción aclarada de la realidad, que es interpretada en la novela. Sin embargo, nada fue fácil ya que desde los inicios de la propagación de la novela hubo claras desaprobaciones y pocas estimas al nuevo modelo de narrativa. Así expone Torres (2010, p. 172) “El proceso de

canonización es un fenómeno complejo en el que intervienen diversos factores como el tiempo, los juicios de autoridad y, sobre todo, la valoración crítica de una época”, que solo se fijarán después de la Segunda Guerra Mundial, dónde las novelas empiezan a demostrar escenarios más específicos de lo que estaba ocurriendo en el país.

El canon literario de México representa la indispensable función que tiene la historia y la literatura, pues es a partir de la historia del mundo, de países, de culturas, de presentaciones políticas que entra la literatura abordando cada cuestión, enfatizando críticas, concepciones, opiniones o incluso reproduciendo estos acontecimientos. Cita Torres (2010, p. 172),

Un canon es la selección de obras representativas de cierta ideología en un tiempo y espacio determinados; tiene un dinamismo inherente a su naturaleza, relacionado con su capacidad de autoanálisis: la crítica da origen a las ideas y éstas se representan como un canon, que desatará, posteriormente, otra polémica, lo cual conlleva la creación de nuevas teorías y nuevos cánones.

El canon literario mexicano, por su variedad de escritores, y por la mirada de la realidad, resulta fundamental en el contexto de las letras latinoamericanas. Este canon novelesco se inicia con los hombres, autores de grandes reconocimientos, uno de los precursores indiscutible de esta época es Octavio Paz (1914), poeta que crea un conflicto entre el desmembramiento de palabras que representa el mundo moderno ante su propio punto de vista. El autor inserta en sus poemas temas relevantes sobre su país, episodios históricos y conflictos sociales. Octavio Paz en sus palabras trata de un mundo en el que se materializan acontecimientos relativos a Latinoamérica. Stanton (1992, p. 1008), cita sobre Octavio Paz que: “Este nacionalismo del joven Paz se inserta dentro de la concepción romántica del poeta como creador de una conciencia nacional, como fuente de la cual brota espontáneamente la voz confusa del pueblo que todavía no nace a la historia”. Paz hizo importante referencia a la Revolución mexicana, acontecimiento que cambió decididamente la memoria y la historia del país. En esta perspectiva se destaca también el escritor Juan Rulfo, autor de los relatos *El llano en llamas* (1953), *Pedro Páramo* (1955) y *El gallo de oro* (1956-1958).

Hoy podemos decir que la experiencia de lectura de *El gallo de oro* es la sensación singular de una novela sobre el azar y los imaginarios populares de las peleas de gallos y el juego de cartas. En el 2010, la Fundación Juan Rulfo publica por primera vez como novela lo que en efecto fue para Rulfo una versión inicial de su segunda novela. [...], Es una novela ya no con la polivalencia acentuada e intencionada de Pedro Paramo, pero sí es una novela que se integra al proyecto estético narrativo de Rulfo: los signos de la cosmovisión de las comunidades rurales, el remodelamiento de la oralidad a través de la escritura literaria y la dualidad y la circularidad en permanente movimiento como una impronta estética del autor (JURADO, 2016, p. 43).

Juan Rulfo (1917), diferente de Paz elige tratar en sus obras la vida del hombre del campo, enfatiza las demandas, las necesidades y carencias de los trabajadores rurales mexicanos. Lo mismo hace Mariano Azuela (1873), autor referencia para México, enfatizando a los campesinos. Las obras de estos autores tienen un importante valor estético y fundacional para la literatura mexicana y latinoamericana, principalmente a lo que se refiere al mundo rural.

Otro hecho en el que se inserta el canon literario, fue el período contemporáneo, donde surgieron grandes nombres para una literatura diferente, de críticas diferentes, por medio de divergentes vertientes literarias, y en el que se hace presente también el género novela, una narrativa de eje literario que tuvo la instrucción que muestra la situación política, social y cultural del país, su veracidad en medio al inicio del siglo XX,

En resumen, la novela latinoamericana contemporánea ha cambiado tanto en lo estructural (entendido este aspecto como una totalidad de planos sintácticos y semánticos) como en su objetivo: al documento que quiere enseñar, moralizar o denunciar, sucede la obra de arte con sus múltiples interpretaciones que el lector puede buscar y utilizar de diversas maneras: hablamos de polisemia (HERRA, 1990, p. 06).

La coyuntura en que se encontraba la literatura contemporánea en Latinoamérica, fue marcada por grandes nombres de escritores precursores de un importante movimiento. Hubo en este contexto literario novelesco, un grupo de escritores que hicieron revolución e historia con sus escrituras. Los autores buscaron hacer una ruptura con el periodo de devastación en que se encontraban, un momento de guerras y posguerras, dominios políticos, y principalmente el rechazo por la literatura y la propagación de obras literarias, así como el prejuicio de revistas. Todos estos acontecimientos sirvieron de punto de partida para esta nueva articulación intelectual, sobre esto apunta García Márquez,

Não é completamente casual que cinco ou seis escritores de diferentes países latino-americanos estejamos de repente, agora, escrevendo de certa forma volumes separados de um mesmo romance, livres de cintos de castidade, de espartilhos doutrinários, e agarrando as verdades que andavam nos rodeando, e das quais tínhamos medo (GARCÍA MÁRQUEZ, 1967, Apud WAQUIL, 2013 p. 50).

Esta serie de autores latinoamericanos desconformes y dispuestos a amparar la sociedad y luego la comunidad de los escritores, por medio de la literatura crítica, van a envolver discursos acerca de lo que representa la literatura, su importancia, y el hecho de que sin ella no tiene como haber diseminación de conocimientos, historias, humanización y crítica social. Así, este aglomerado de intelectuales, hicieron una revolución que se dispersó por toda América, Donoso (1972, Apud WAQUIL, 2013 p. 49): “os romancistas hispanoamericanos [...] emprenderam sozinhos a curiosa aventura contra o subdesenvolvimento editorial e crítico”,

lograron la inquietud de aquellos quienes les rechazaban, y luego ganaron lugar en la sociedad, tanto que fueron llamados los vanguardistas: escritores revolucionarios que lucharon por sus escritos, por sus ideales y por una nueva literatura. La unión de los escritores y determinación por una causa en torno de la conquista de la política y la literaria, premios y difusión de las obras, así como construcción de nuevas revistas y aceptación de las ya existentes, contribuyó para demostrar el momento de revolución y guerras en la región latinoamericana.

A lo largo de esta unión el movimiento fue ganando la contribución de diferentes autores. Waquil (2013, p. 50): “grande unificador dos escritores latino-americanos em torno deste momento, do posteriormente denominado boom: a Revolução cubana, à qual aderiram apaixonadamente. O apoio à causa uniu García Márquez, Vargas Llosa, Fuentes, Cortázar e outros”. Las obras de estos autores se diseminaron en varias formas y vertientes literaria como fue el caso de algunos que optaron por el manifiesto imaginario, otros por el fantástico, el romántico, el irreal, etc. Es necesario apuntar sin embargo la indispensable importancia de la contribución del *boom*, momento en que no obstante la presencia de la mujer es omitida.

La mujer en la construcción del movimiento de los vanguardistas estuvo aislada, se unieron escritores, críticos, poetas de diferentes países latinoamericano, y la mujer escritora, pensadora, crítica no estuvo inserta en el inicio del movimiento. Aunque más adelante, cuando el movimiento ya estaba consolidado, algunas autoras lograran ser parte, mientras es perceptible que el discurso de la mujer frágil y descalificada para ciertas responsabilidades, se instauró otra vez sobre el género femenino. Zawierzeniec (2015, p. 08) dicen que “el estudio crítico de las escritoras de otros países de América Latina, en donde la prodigalidad literaria femenina es considerable, no cuantitativamente en relación a la producción masculina”. Las mujeres escritoras tuvieron sus obras suprimidas por las escrituras masculinas.

Los hombres siempre estuvieron al frente en las esferas políticas, culturales, literarias y otros. En la creación y personificación de las novelas, la figura del hombre era tomada como héroe, el personaje más importante de constante visibilidad, ya las mujeres quedaban como terceros personajes, estando al margen de los acontecimientos, y esto cuando tenían la oportunidad de aparecer, era bajo estas condiciones. De esta forma es posible percibir en las novelas el canon patriarcal que se actúa en favor del género masculino, etapa que repercutió por años, aunque desde el siglo XX empieza a cambiar, debido a las reivindicaciones y la unión de movimientos de mujeres, en el que, según Ortiz (1992),

El feminismo ha sido particularmente efectivo en reclamar y lograr la representación de escritoras en el canon. Situaciones como las que denuncia Lucía Guerra-Cunningham (57), quien al examinar un gran número de las historias literarias de

Hispanoamérica encontró que sólo una docena de mujeres ocupaban un lugar destacado, ya no constituyen la norma. En la actualidad, un examen de la literatura latinoamericana contemporánea pone de relieve la presencia de un creciente número de escritoras que incluye, entre otras, a Elena Poniatowska, Luisa Valenzuela, Griselda Gámbaro, Isabel Allende, Elena Garro, Cristina Peri Rossi y Rosario Ferré. El cambio es significativo si consideramos que durante años sólo una escritora, Sor Juana Inés de la Cruz, logró un reconocimiento canónico consistente, si bien la historiografía tendió a subrayar su marginalidad por encima de sus méritos literarios (ORTIZ, 1992, p. 144).

La presencia del movimiento feminista fue de fundamental importancia para el progreso de conquistas femeninas, en la perspectiva de que las mujeres también intensificaron una lucha, la búsqueda por su lugar y por su visibilidad dentro de la sociedad. En la literatura las mujeres recibieron el apoyo de muchos escritores críticos de la época, que enfatizaron sus demandas en obras y textos críticos, como es el caso de Octavio Paz,

Hasta muy entrado siglo XX fueron los hombres, sus instituciones y sus intelectuales, dueños de la palabra creadora, quienes han elaborado esa identidad simbólica de las mujeres mexicanas. Todavía a mediados del siglo XX el Premio Nobel Octavio Paz en su ensayo *El laberinto de la soledad* (1950) perpetuaba con la palabra literaria la situación opresiva de la mujer (ZAWIERZENIEC 2015, p. 13).

La fuerza de las mujeres, sus cuestionamientos y reivindicaciones, así como la contribución de algunos autores de la época, cooperaron para nuevas conquistas, pues las mujeres lograron ser parte de la voz literaria difundida en Latinoamérica. López (2005, p.09): “En México, la literatura femenina de los años setenta y mediados de los ochenta supuso un cambio decisivo para las letras del país, y la que se publicó en la década de los noventa consolidó el lugar de la acción femenina en la novelística nacional”, el cambio en relación al protagonismo y creación de las novelas de autoría femenina fue intenso, así como la cuestión del conjunto del “boom” literario, en el que más tarde algunas escritoras alcanzaron visibilidad, tanto en la producción de obras, como en revistas.

Surgen en este ciclo escritoras feministas que van a hablar desde esta subjetividad necesaria entre los géneros, además de protagonizarlos y darles un lugar. Así apunta Herra (1990, p.10) “Las historias que se cuentan muestran personajes masculinos y femeninos, sobre todo de la clase media y clase media alta, buscando o poniendo en práctica comportamientos más abiertos”, las autoras van a desarrollar y cambiar una realidad vista por años en las novelas patriarcales de Latinoamérica.

## **5 ÁNGELES MASTRETTA Y LA ESCRITURA DE MUJERES EN LA LITERATURA MEXICANA DE FIN DE SIGLO XX. TRADICIONES Y RUPTURAS**

La autora Ángeles Mastretta natural de México (Puebla, 1949), fue por largos años periodista, mientras su trayectoria como escritora se inició cuando ganó una beca de estudios literarios, momento el cual estuvo al lado de grandes escritores como Juan Rulfo. Así, por medio de un compromiso social y feminista, Mastretta fue una de las escritoras contemporáneas de esencial relevancia para la literatura latinoamericana, principalmente con respecto al discurso en apoyo a las mujeres, a su realidad de vida, a los roles entre géneros, a la desigualdad y a la búsqueda por su emancipación. La autora enfatiza en sus obras principalmente la cuestión de la realidad de la mujer mexicana.

A produção literária de Mastretta tem se destacado primordialmente pela contextualização do pensamento feminista mexicano dos anos setenta e oitenta, afinal a autora foi integrante da geração destes anos, quando este movimento no México mantinha uma atividade de luta intensa. Seus trabalhos de investigação e seus ensaios, foram verificados quase que exclusivamente pela ótica feminista, pois problematizavam a opressão contra a mulher e chamavam à reflexão (ROLIM, 2016, p. 18).

En sus obras la autora adopta un tono autobiográfico y confesional, donde inserta acontecimientos y realidades vivenciados como mujer que vivía en una sociedad de una supremacía opresora, donde las mujeres tenían poca voz para dar continuidad a la creación de estas obras. Loov (2006, p. 05), señala que “un editor le ofreció un sueldo durante seis meses para que ella escribiera una novela. Entonces, Mastretta renunció a su trabajo anterior y empezó como novelista, una actividad que habría de durar un año, en vez de seis meses”. La autora entonces empezó a crear obras donde muestra la inquietud que tiene en relación a la autoridad que se fija sobre las mujeres. Entre estos textos están *Arráncame la vida* (1985) y *Mal de amores* (1996), traducidas en diferentes lenguas, pues lograron destacados reconocimientos y premios, como *Mal de amores*, ganadora del prestigioso premio Rómulo Gallegos (1997). Galardón que nunca antes había sido conquistado por una mujer. Se suma la publicación de varios ensayos y cuentos, obras que siempre llevaron rasgos sobre el contexto femenino, que según Navarro (1995),

Confirmam que a relação entre a literatura e o contexto sociopolítico, um traço constante da literatura latino-americana desde as suas origens, está também presente nas obras escritas por mulheres. Contudo, elas não esquecem suas próprias experiências particulares ou coletivas como membros do “segundo sexo”, que são mostradas através de histórias que envolvem questões familiares, o impacto que o contexto político/histórico exerce nos redutos familiares, ou através de visões pessoais sobre a crescente conscientização de personagens femininos sobre as várias formas de opressão em uma sociedade definida por valores masculinos. É através dessa lente que os conflitos sociopolíticos e históricos geralmente vêm à luz (NAVARRO, 1995, *Apud* TROYAN, 2013 p. 33).

La escritora estuvo presente con su obra en un importante período por lo cual pasaba su país, el momento de una posrevolución mexicana, en la cual México y toda su población, principalmente los escritores y escritoras, investigadores y poetas vivieron el espíritu revolucionario de su país. Las obras de Mastretta fueron reconocidas por toda América Latina, un discurso feminista que enfatiza la trama femenina de los años setenta y ochenta, y que siguen como referencia hasta hoy. Ángeles Mastretta se destaca entre un grupo de escritoras femeninas en Latinoamérica, que lograran autonomía y reconocimiento, que en sus obras buscaron principalmente denunciar, reivindicar y cambiar la realidad del género femenino.

la literatura escrita por mujeres: la literatura fundacional; rompiendo el silencio en el siglo XIX; La vanguardia literaria y artística de la década del veinte; El comienzo de un largo camino. Escritoras de los años cincuenta y sesenta; La liberación a través de la palabra; y Reto al futuro sobre la producción literaria del siglo XX (GUARDIA, 2013, p. 03).

Las escrituras de cuño femenino tuvieron inicio en el siglo XVII, voces estas que empezaron con Sor Juana Inés de la Cruz (1648-1695), que recibió el nombre de “monja de la literatura”, sus obras a pesar de muy importantes no alcanzaron el nivel de difusión y reconocimiento necesario. Como apunta Herra (1990, p. 01), “en el caso de México, la obra de Sor Juana, por ejemplo, será reconocida como fundamental hacia la mitad del siglo XX, tres siglos después de su aparición”, el rechazo con las escrituras femeninas expone marcas de la visión patriarcal que aún era una cuestión muy fuerte en la sociedad. Después de Sor Juana se manifiestan autoras como Teresa de la Parra (1890-1936), Delmira Agustini (1886-1914), Clorinda Matto de Turner (1854-1909), que tampoco tuvieron el reconocimiento merecido, pues no ofrecían o no seguían la tradición literaria de modelo patriarcal presente en la época. Así también acarreo a las escritoras la dificultad de publicación y propagación de sus obras. Sin embargo, las monjas de la literatura fueron las antecesoras a la autonomía femenina, visto que ellas implantaron el incentivo, la gana, el coraje para que otras mujeres escritoras pudiesen continuar en la lucha por el reconocimiento y emancipación de la mujer. Así lo enfatiza Lerner (1990), este cambio de cánones literarios

Desde que as mulheres passaram a enunciar artisticamente seus textos de modo mais sistemático, começaram as discussões em torno de uma escrita feminina como diferença do modelo canônico masculino, como também surgiu a dificuldade de instituir a produção literária de mulheres no âmbito de uma tradição que ainda as hostilizava e colocava em xeque sua existência. Essas discussões foram enriquecidas por pensadoras que, desde o início do século XX, tentam elucidar as implicações da literatura de autoria feminina no imaginário social (LERNER, 1990, p. 15).

De esta forma, es solamente partir del llamado “boom” literario femenino, evento el cual fue creado a partir de una explosión de obras producidas por mujeres, en el año siguiente al período del “boom” literario iniciado por autores como Julio Cortázar, Mario Vargas Llosa y otros. Inspiradas por estos renombrados escritores, las mujeres también crean una ruptura intelectual en favor del género femenino, alcanzando la independencia intelectual. La literatura fue el medio por el cual la escritura femenina logró su manifiesto y es a partir de estos escritos producidos por ellas es que el personaje femenino gana visibilidad, sobre todo en el periodo de la posguerra, momento América Latina comienza a manifestar importantes cambios. En el caso de la literatura mexicana, surge en este espacio de tiempo un grupo de mujeres escritoras que van a hablar intensamente del término mujer, de los conflictos y cuestiones sociales, las primeras que surgieron fueron las escritoras Rosario Castellanos (1925-1974), Elena Garro (1920-1998) y Laura Esquivel (1950-), mujeres que trataban de las diferencias entre géneros, del dominio y de la marginalización de las mujeres,

Tanto Castellanos y Garro como Esquivel comparten un modo particular de ver la historia. Es una historia presentada desde el punto de vista de los relegados, de los héroes fallidos, de las comunidades marginales y/o marginadas, de quienes no tuvieron voz, de los episodios olvidados o silenciados (ZAWIERZENIEC, 2015 p.50).

Las autoras dan voz a todo lo que hasta el momento es prohibido hablar. Luego de unirse a estas grandes intelectuales mujeres como Elena Poniatowska (1932) y Ángeles Mastretta, además de otras escritoras, cada una con sus diferentes modos de escribir y ver el mundo, fortalecer el discurso feminista y la conquista de una nueva estética literaria. Zawierzeniec (2015, p. 08), dicen: “El hecho real es que la mujer adquiere cada día una mayor relevancia en la vida cultural; prueba de ello es el otorgamiento del premio Cervantes de la Lengua Española a la escritora mexicana Elena Poniatowska”, importante figura femenina en el discurso sociocultural de género. De esta forma, con Ángeles Mastretta juntamente con otras escritoras mexicanas y no mexicanas emerge un nuevo *boom* literario femenino que va a seguir y hacer historia por los años ochenta.

Este nuevo grupo de mujeres va a empezar una lucha intelectual de voces literarias que van a despertar sentimientos y reclamos en la producción y difusión de sus diferentes escritos. Así también surgen otras escritoras que se reconocen feministas, pues luchan primeramente por las causas de las mujeres y sus demandas. Herra (1990, p. 03): “El lugar preponderante que ocupa la identidad femenina en esta narrativa indica la seriedad con la que las intelectuales de la década de los setenta examinaron las fuerzas que iban formando la individualidad de las mexicanas”. El empeño de las escritoras por una alternativa mejor al género se expandió en

años y fueron tomando grandes proporciones hasta su estabilidad, que se expandió en el noventa.

En este contexto es posible representar escritoras que se destacaron principalmente en México como Elena Garro (1917-1998), dramaturga y escritora novelista. Garro causa grandes efectos en el lector, produciendo una literatura irónica y extraordinaria en el que mezcla trazos del realismo y alude el periodo de posrevolución en que se encontraba México. Así también se destaca Rosario Castellanos (1925-1974), escritora, poeta y dramaturga. Castellanos tiene como punto vital en sus obras el tema de la mujer y su construcción sociocultural. También reivindica los derechos que tiene la población mexicana. Fue una creadora y crítica que tuvo gran reconocimiento en su época. Su principal aporte está en la renovación del lenguaje,

Rosario Castellanos (1925-1974) y Elena Garro (1917-1998), lo cual se debe no sólo a la calidad de su trabajo meramente literario, sino al mismo tiempo a su activa presencia en la vida sociocultural y política del país. Asimismo, cabe notar que las dos son las primeras escritoras mexicanas que rompen con los estereotipos de la mujer sometida al hombre e incapaz de dirigir su propia vida (ZAWIERZENIEC, 2015, p.40).

Los temas de la mujer de los pueblos marginados fueron tratados por estas escritoras. Como es el caso de Elena Poniatowska (1932), periodista y escritora, y referencia para las escritoras contemporáneas. Poniatowska fue tan intensa en sus escrituras tratando de la subjetividad femenina que en el 2013 consigue el Premio Cervantes.

La escritura femenina busca crear un nuevo ser humano, libre y autónomo. Para esto fue necesario instaurar una nueva narrativa en el contexto mexicano, para que así surgiera un nuevo modelo, una nueva mirada fuera del contexto doméstico en que la mujer estaba enraizada. Para esta construcción y unión literaria se articuló la necesidad y el deseo, en perspectivas individuales y colectivos de mujeres mexicanas, que cambiaron y añadirán grandes obras a la literatura. Guardia (2013, p. 13), dice que “En la década del 80 la literatura escrita por mujeres ya no es el gesto de los años anteriores, [...] y se publica una profusión de libros con trabajos críticos sobre su escritura con diversos enfoques en un espacio diferente y alternativo, donde lo privado subvierte lo público”. Así, estas escritoras se asumieron como seres de lenguajes e subjetividades, desde donde desarrollaron un compromiso con la marginalización de clases.

#### **4 ARRÁNCAME LA VIDA, ANÁLISIS CRÍTICO**

La novela escrita por la Ángeles Mastretta, fue publicada en 1985, en México. Tal obra novelística proporcionó a Mastretta el premio *Mazatlan* de la Literatura, por su trama, estética

e intensidad autobiográfica. Pues la novela retrata acontecimientos reales por lo que presenció y vivió la autora, tornándose así una novela de tono autobiográfico, pues el personaje femenino en la obra tiene su vida entrelazada en marcas de un contexto histórico social que envuelve directamente su lugar de acción que es la ciudad de Puebla en México.

En la obra Mastretta expresa trazos de condiciones que subyugan a la mujer, principalmente dentro del contexto social del México del siglo XX, un contexto de opresión dictatorial y desigual. En la relación de jerarquía y sumisión entre hombres y mujeres la novela *Arráncame la vida* se transforma en una crítica y un manifiesto, a medida que el lector percibe la trama de la novela que se hace un reclamo a la historia que va a suceder con Catalina, personaje de la novela. El título de la obra *Arráncame la vida* enfatiza la aflicción en sentir y presenciar una vida serena, humilde e ingenua, siendo arrancada para imponerse otra vida hecha de apariencias, sin que pueda opinar el/lo contrario.

Cati cantava e era feliz. Menina ainda, tinha uma relação estreita com seu pai, relação essa que se estendeu até o seu casamento. Mas um dia os olhos de seu pai se fecharam para sempre. Neste dia, Catí sentiu-se traída pelo pai, o único homem em quem ela confiava e acreditava (SAVI ET AL. 2001, p. 67).

La actitud en que el padre de Catalina permite entregarla a un matrimonio cuando aún tenía quince años y no conocía nada de la vida, pero era eufórica para vivir intensamente y ahora choca con una oportunidad diferente de la que imaginaba. Irá a vivir con un hombre desconocido y más viejo, que resulta ser un militar de grado General, severo, y que tenía condiciones de darle una vida más estable.

La historia narrada por la protagonista, envuelve el lector en una serie de acontecimientos. En la trama el personaje de la joven Catalina Guzmán, va a tener su vida totalmente distinta en su juventud, pues ella conoce al general Andrés Ascencio, quien empieza a cortéjala, hasta llevarla de su casa, para vivir una vida y una realidad que ella jamás había imaginado. Catalina aprende a enfrentar los problemas del cotidiano y a vivir como una adulta de una manera implacable. Su transformación de niña a mujer ocurre violentamente cuando el general empieza a robarle besos y a tocarla; gestos y sentimientos estos que para la joven eran desconocidos, además de las responsabilidades adultas que tuvo que enfrentar. Con poco tiempo de casada, viviendo una vida que aún no reconocía como suya, la protagonista es presionada por su marido a tener un hijo, y la joven a su vez no se percibe como madre, tanto que en la novela cuenta con detalles el periodo desagradable que vivió durante el embarazo.

Presionada a convivir y a enfrentar su nueva vida, con los problemas que crecen aceleradamente, Catalina se hace madre de tres hijos y madrasta de muchos otros. Aprende a

divertirse con el adulterio y a compartir la vida política juntamente con su marido, viviendo con la presencia de la infidelidad y la ilegalidad de su general. Todavía sigue al lado de él, servil a sus mandados, hasta empezar a resistir la autoridad de su marido que sufre una inesperada muerte. Catalina enfrenta junto a Andrés su involucramiento en la búsqueda por la conquista política, momento en el cual la autora Ángeles Mastretta inserta en la novela trazos de la revolución mexicana.

### 6.1 Sumisión, autoritarismo y resistencia

La sumisión es, según Ülveira (1989, p. 34): “[...] una relación, asimétrica, jerárquica, que implica el ejercicio del dominio de uno de los actores de la relación sobre el otro, mediante la aceptación, pasiva o no, del dominado, [...] sumisión, dependencia, obediencia, sujeción, sometimiento”. Estos elementos son caracterizados en la obra por actitudes y palabras del General Andrés Ascencio sobre Catalina Guzmán, en que es posible identificar en algunos capítulos de la obra, Mastretta (1985, p. 05) “y hablaba conmigo como con las paredes, sin esperar que le contestaran, sin pedir mi opinión, urgido sólo de audiencia”. Para el general, Catalina no era capaz de entender lo que él dijera, no era capacitada para exponer opiniones Mastretta (1985, p.05) “Y tú qué te metes, ¿quién te pidió tu opinión?” A la mujer no le era permitido intervenir.

Catalina era vista solamente como una joven ingenua sin inteligencia suficiente para contestar a su marido, como es posible observar en sus palabras Mastretta (1985, p. 09) “Órale güevoncita. ¿Qué haces ahí pensando como si pensaras? Te espero abajo, cuento a 300 y me voy”. Sobre las mujeres siempre se tuvo la creencia de que eran personas limitadas y carentes de ideas relevantes, pues no tenían la capacidad de responder por sí mismas, así lo enfatiza Canezin (2007, p. 146) sobre esta carencia y los destinos que se instauraban sobre la mujer: “À mulher, a única realização possível era o casamento e a maternidade, pois eram consideradas destituídas de mentalidade racional”. Se trata de un pensamiento enraizado en la cultura machista e jerárquica que va a cambiar significativamente con las protestas feministas.

En el episodio del casamiento está la supremacía, la voluntad del otro impuesta sobre la oprimida. Catalina se casó con Andrés contra su voluntad, sus padres juzgaban ser la mejor opción para ella, visto que tenía una vida de pobreza al lado de sus padres,

—¿Están tus papás? —preguntó. Si estaban, era domingo. ¿Dónde podrían estar sino metidos en la casa como todos los domingos? —Diles que vengo por ustedes para que nos vayamos a casar. —¿Quiénes? —pregunté. —Yo y tú —dijo. Pero hay que llevar

a los demás. —Ni siquiera me has preguntado si me quiero casar contigo —dije. ¿Quién te crees? —¿Cómo que quién me creo? Pues me creo yo, Andrés Ascencio. No proteste y súbase al coche. Entró a la casa, cruzó tres palabras con mi papá y salió con toda la familia detrás (MASTRETTA, 1895, p. 06).

La opinión y voluntad de Catalina no fueron oídas, sus padres no le dieron una opción, nadie le preguntó si de verdad deseaba casarse, cómo deseaba casarse y si quería o no hacer su propia voluntad. Mastretta (1985, p. 06): “Yo me hubiera casado en Catedral [...] Pero no me casé. Andrés me convenció de que todo eso eran puras pendejadas [...] Por lo civil sí, la ley civil había que respetarla, aunque lo mejor, decía, hubiera sido un rito de casamiento militar”. Ángeles Mastretta por medio de su personaje da visibilidad a determinaciones establecidas sobre las mujeres, un dominio patriarcal el que comenta García (2008, p. 04):

En la familia patriarcal, las constricciones culturales e institucionales hacen que las mujeres sean débiles y expresivamente sumisas en relación con su marido, que con su competitividad instrumental en la economía obtiene para su familia un nivel de seguridad económica.

En el casamiento la mujer pasa a pertenecer al hombre. Mastretta (1985, p. 07): “—¿Tú pusiste de Guzmán? —pregunté. —No miya, porque así no es la cosa. Yo te protejo a ti, no tú a mí. Tú pasas a ser de mi familia, pasas a ser mía —dijo”. La mujer al casarse tenía su vida entregada al hombre. Törnqvist, (2015, p. 09) dice que “Cuando una mujer entraba en matrimonio, quedaba dependiente del hombre y estaba vista como su propiedad”, como un símbolo de posesión que es evidenciado desde el inicio de los casamientos, donde el único apellido que tenía por obligación cambiar era el apellido de la mujer, tornando así la mujer en un ser sometido a su marido. Como resalta Beauvoir (1970, p. 10): “A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si más relativamente a êle; ela não é considerada um ser autônomo”, ya que la superioridad dada al hombre era evidente, la mujer siendo controlada por el sexo masculino, existiendo solamente a partir de él, sin autonomía alguna. La mujer en el matrimonio de la época debería quedarse en la casa a la espera de su marido, y con Catalina no fue diferente

Andrés pasó cuatro años entrando y saliendo sin ningún rigor, viéndome a veces como una carga, a veces como algo que se compra y se guarda en un cajón y a veces como el amor de su vida. Nunca sabía yo en qué iba a amanecer; si me querría con él montando a caballo, si me llevaría a los toros el domingo o si durante semanas no pararía en la casa (MASTRETTA, 1985, p. 13).

Andrés Ascencio era un nombre autoritario, severo y manipulador, la escritora exhibe un personaje a altura de los hombres de la época. Mastretta (1985, p. 03): “Andrés les contaba historias en las que siempre resultaba triunfante. No hubo batalla que él no ganara, ni muerto

que no matara por haber traicionado a la Revolución o al Jefe Máximo o a quien se ofreciera”. El nombre del protagonista juega juntamente con sus actitudes, Andrés un hombre macho, fuerte y poderoso; mientras que Ascencio, un ser competente y activo, todas las características que deberían presentar los hombres para convertirse en un hombre socialmente representable.

La vida monótona que llevaba el personaje le sofocaba, aunque ella no conseguía desplegar de aquella vida, pues la sociedad no la dejaba, y aún peor: estaba a propensa a pasarle cosas, como sentimientos que estaban surgiendo dentro de ella. Mastretta (1985, p. 13): “Estaba poseído por una pasión que no tenía nada que ver conmigo, por unas ganas de cosas que yo no entendía”. El sentimiento por el compañero en muchos casos es el principal motivo por lo cual las mujeres se hacen sumisas. Cuando el amor les sufoca demasiado, las mujeres empiezan a aceptar el sufrimiento, la violencia, la obediencia, y otras actitudes incluso más violentas. Son mujeres que se sienten incapaces de salir de aquel relacionamiento abusivo, incapaces de vivir sin la persona amada. Los factores que sujetan a las mujeres son muchos, algunas sufren desde amenazas hasta acciones criminales.

Catalina se envolvió en la vida política de Andrés, lo apoyó en su carrera, pero era infeliz por ser parte de tantas corrupciones que estaban pasando a su alrededor, aunque su esposo le dijera lo contrario, desconfiaba Catalina de lo que estaba ocurriendo,

Yo al principio no sabía de él, no sabía de nadie. Andrés me tenía guardada como un juguete con el que platicaba de tonterías, al que se cogía tres veces a la semana y hacía feliz con rascarle la espalda y llevar al zócalo los domingos. Desde que lo detuvieron aquella tarde empecé a preguntarle más por sus negocios y su trabajo. No le gustaba contarme. Me contestaba siempre que no vivía conmigo para hablar de negocios, que si necesitaba dinero que se lo pidiera. A veces me convencía de que tenía razón, de que a mí qué me importaba de dónde sacara él para pagar la casa, los chocolates y todas las cosas que se me antojaban (MASTRETTA, 1985, p. 13).

El tono autoritario que Andrés usaba sobre Catalina le ocasionaba a ella un sometimiento de resignación. La protagonista optó por no saber de sus actos corruptos, para ella lo mejor era vivir solamente en la desconfianza y jamás convivir con la certeza.

Yo preferí no saber qué hacía Andrés. Era la mamá de sus hijos, la dueña de su casa, su señora, su criada, su costumbre, su burla. ¿Quién sabe quién era yo?, pero lo que fuera lo tenía que seguir siendo por más que a veces me quisiera ir a un país donde él no existiera, donde mi nombre no se pegara al suyo, donde la gente me odiara o me buscara sin mezclarme con su afecto o su desprecio por él (MASTRETTA, 1985, p. 26).

El deseo de Catalina en huir de su realidad era constante, pero no podía, estaba destinada para siempre a su marido hasta la muerte, pues en la época no se aceptaba la separación, menos por el hecho de ser él una autoridad político-militar. Catalina sufría constantes órdenes de parte

de su marido, que estaba siempre ordenándole como si ella fuera uno de sus subalternos. Mastretta (1986, p. 08): “Andrés se levantaba con la luz, dando órdenes como si fuera yo su regimiento”, un subordinado dispuesto a servirle. El contexto político por lo que pasó Catalina junto a su general, muestran trazos de la Revolución mexicana, un momento de peleas, interés y mentiras. Mastretta (1985, p. 17): “En cambio Andrés estaba harto de pobreza y rutina. Quería ser rico, quería ser jefe, quería desfilar, no ir a mirar desfiles. [...]. Los convencionistas y los constitucionalistas peleaban en todo el país. Un día unos tomaban una plaza y al otro día los otros la rescataban”. Luego Andrés puso a Catalina en un cargo público del Gobierno. En un primer momento se puede pensar en una conquista femenina, visto que nunca antes las mujeres lograron un cargo público, pero no es así, pues la intensión de su marido era solamente enriquecerse usándola y Catalina solo consiguió percibir esto cuando intentó buscar recursos para ayudar a un ciudadano y no tuvo poderes para hacer nada.

Mi primera gran decepción fue cuando me visitó un señor muy culto para contarme que se pretendía vender el archivo de la ciudad a una fábrica de cartón. Todo el archivo de la ciudad a tres centavos el kilo de papel. En la noche fue el primer asunto que traté con Andrés. No quiso ni detenerse a discutirlo. Nada más dijo que ésos eran puros papeles inútiles, que lo que necesitaba Puebla era futuro, y que no había dónde poner tanto recuerdo (MASTRETTA, 1985, p. 24).

La opinión e intervención de Catalina no eran atendidas, Andrés solo la usaba para tener control de los cargos públicos y de la economía que pasaba por ellos. García, (2008 p. 06), apunta para esta cuestión de la participación de la mujer en lo público “hacia un patriarcado público en el cual a pesar de que la mujer tiene acceso a las esferas privadas y públicas todavía se encuentran subordinadas dentro de ellas”. Así se demuestra en la obra, en que Catalina tuvo la oportunidad de involucrarse en el cargo público participando en reuniones importantes, pero siempre regida por su marido.

Otra cuestión importante que trata la obra es el embarazo de la mujer, en la época los discursos de que las mujeres nacen para ser madres y que el embarazo era el mejor período de la mujer, fueron discursos muy fuertes que se imponían significativamente sobre el género femenino. En la novela, Catalina aún con dieciséis años es persuadida por su marido a tener un hijo, pero para ella esto era algo que le resulta indeseado, como apunta ella misma:

Tenía yo diecisiete años cuando nació Veranea. La había cargado nueve meses como una pesadilla. Le había visto crecer a mi cuerpo una joroba por delante y no lograba ser una madre enternecida. La primera desgracia fue dejar los caballos y los vestidos entallados, la segunda soportar unas agruras que me llegaban hasta la nariz. Odiaba quejarme, pero odiaba la sensación de estar continuamente poseída por algo extraño. Cuando empezó a moverse como un pescado nadando en el fondo de mi vientre creí

que se saldría de repente y tras ella toda la sangre hasta matarme. Andrés era el culpable de que me pasaran todas esas cosas y ni siquiera soportaba oír hablar de ellas (MASTRETTA, 1985, p. 14).

Catalina en su incapacidad de decir el contrario no tuvo otra opción si no embarazarse y agradar a su marido, que no reconocerá su esfuerzo, al contrario: lo que hizo fue criticar sus quejas y apartarse de ella en este ciclo. Mastretta (1985, p. 14): “Cómo les gusta a las mujeres darse importancia con eso de la maternidad, decía. Yo creí que tú ibas a ser distinta, creciste viendo animales cargarse y parir sin tanta faramalla. Además, eres joven. No pienses en eso y verás que se te olvidan las molestias”. Catalina se sentía mal por todo lo que ha pasado con ella y por no lograr ser diferente como creía Andrés

Todo el embarazo fui un fraude. [...] no podía pensar con orden, me distraía, empezaba una conversación que acababa en otra y escuchaba solamente la mitad de lo que me contaban. Además tenía un espantoso miedo a parir. Pensé que me quedaría tonta para siempre. Él se iba con más frecuencia que antes. Ya no me llevaba a México a los toros. Salía de la casa solo y yo estaba segura de que a la vuelta se encontraba otra mujer. Alguien presentable, sin un chipote en la panza y unas ojeras hasta la boca. Tenía razón (MASTRETTA, 1985, p. 15).

Catalina presenta una resistencia en ser madre y en imaginarse madre. Pero ser madre fue un papel por muchos años implantado sobre las mujeres y ellas no conseguían librarse de esta imposición. Los discursos en deprimir las mujeres eran constantes, principalmente en el periodo del embarazo el cual la mujer se encuentra más frágil, y fue lo que ocurrió con Catalina. Su marido hablaba cosas negativas y lo peor era cuando la mujer internaliza estos discursos y comienza a sentirse ella misma incapaz, sometida a todas las críticas que expresa el hombre y, lo peor, a comenzar a hallarle la razón.

La joven de quince años pobre que vivía en el campo va a aprender a adecuarse a su nueva realidad. Empieza por frecuentar las reuniones políticas con Andrés. Mastretta (1985, p. 45): “Quiero que vengas conmigo al desfile [...]. Me había puesto un vestido de gasa clara”, pero eso sirve sólo como ilustración en su mano, teniendo siempre que estar elegante y con la sonrisa en el rostro,

Para mucha gente yo era parte de la decoración, alguien a quien se le corren las atenciones que habría que tener con un mueble si de repente se sentara a la mesa y sonriera. Por eso me deprimían las cenas. Diez minutos antes de que llegaran las visitas quería ponerme a llorar, pero me aguantaba para no correrme el rimel y de remate parecer bruja. Porque así no era la cosa, diría Andrés. La cosa era ser bonita, dulce, impecable (MASTRETTA, 1985, P. 27).

Catalina era quién cuidaba de organizar todo para las recepciones de negocios políticos que hacía su marido, todo tenía que estar impecable, incluso Catalina que no lo hacía diferente,

aunque por dentro la tristeza le dominara. Sobre esta sumisión y tono de apariencias, Bourdieu (2002) dice que es fruto de la dominación masculina, agrega:

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objetos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser-percebido (percipi), tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam "femininas", isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas. (BOURDIEU, 2002, p. 82).

Así también Catalina tenía que aceptar los hijos y amantes de Andrés fuera del matrimonio, hijos que ella misma ayudaba a cuidar. Mastretta (1985, p. 21): “Supe que tenía otras hijas hasta que le cayó la gubernatura. Entonces consideró necesario ser un buen padre y se me presentó con cuatro más. Marta, de quince años; Marcela, de trece; Lilia y Adriana, de doce”, y ella no tuvo otra opción que cuidar de ellos junto a sus propios hijos; y sola, pues Andrés poco participó del crecimiento de sus hijos. Solo participó en unirlos a todos después de entrar en la política, pues creía él que sería bueno demostrar una apariencia de buen padre asumiendo a todos sus hijos.

La escritora Ángeles Mastretta, aunque haya demostrado en su obra trazos de sumisión y del autoritarismo patriarcal machista, rompe padrones. Al instalar en el desarrollo de la historia actitudes de resistencia en la protagonista. Según Foucault (1979 *Apud* Louro, 1995, p.122), sobre el hecho de resistir “não existe propriamente o lugar de resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social”. Así Catalina empieza a enfrentar a su esposo, a criticar sus acciones groseras y corruptas. Vivió diversos episodios de infidelidad, hasta enamorase de otro hombre estando casada.

Catalina tras varios episodios de subordinación a su marido, oyendo y obedeciendo callada sus mandos, aprende a ser una mujer determinada y osada, comienza a acompañar Andrés en las reuniones y expone sus opiniones, aunque nadie le pregunte. Mastretta (1985, p. 39): “Yo, que por esas épocas todavía decía lo que pensaba, intervine: [...]”. Hay en este momento trazos de la resistencia que inicia Catalina, actitudes que sorprenden hasta su marido que comienza a descubrir que tiene a una mujer audaz, llena de vida, loca y de doble personalidad. Extrañamente a Andrés le gustaba la mujer en que se convirtió Catalina, que comienza también a enfrentar su autoridad, a querer frecuentar los negocios políticos, saber cómo actuaría. Mastretta (1985, p. 33): “En cambio me propuse conocer los negocios de Andrés en Atencingo. Empecé por saber que el Celestino del que oyó Checo era el marido de Lola y

que su muerte fue la primera de una fila de muertos”, estas actitudes de la protagonista se convierten en un proceso de emancipación de la mujer.

Sin embargo, estos episodios crueles no le detuvieron y Catalina continuó ejerciendo acciones de firmeza frente a su marido, hasta que en su ausencia empieza a divertirse con otros hombres. Mastretta (1985, p. 60): “Me volví infiel mucho antes de tocar a Carlos Vives. No tenía lugar para nada que no fuera él. Nunca quise así a Andrés”. Catalina se enamora de uno de sus amantes, Carlos Vives, que era un cantante que también entró a la política. Fue en ese momento cuando ella más que nunca tuvo la voluntad de separarse de su marido, pero esto era imposible, Andrés y la sociedad nunca iban aceptarlo. De esta manera vivió Catalina engañando a su marido con uno de los políticos de su partido y a experimentar un amor verdadero, que luego terminará, pues su amante fue muerto por el partido opositor. Catalina tras la muerte del amante entra en profunda tristeza, ya que en sus treinta y seis años había vivido una vida monótona al lado de Andrés: sin amor, cumpliendo solamente su papel de primera dama del Estado, pero nunca más aceptando tantas imposiciones. Mastretta (1985, p. 102): “Aprendí a mirarlo como si fuera un extraño, estudié su manera de hablar, las cosas que hacía, el modo en que iba resolviéndolas. Entonces dejó de parecerme impredecible y arbitrario. Casi podía yo saber qué decidiría en qué asuntos [...]”. Catalina aprendió a encarar y conocer a su marido, a imponer su propia voluntad y resolver las cosas de acuerdo a su gradual conocimiento.

En la trama de la historia es perceptible las etapas por lo que pasa la mujer. Catalina primeramente aparece como una joven ingenua, que sufre y soporta callada la sumisión a su marido, después con su ingreso al espacio público, aunque fuera ella controlada por su marido, va aprendiendo de esos momentos, cómo viven los políticos, sus esposas, hasta ir consiguiendo cierta autoridad. A través de estas experiencias graduales Catalina va construyendo su propia autonomía y aprende a ser una mujer audaz, que empieza por contestarle a su marido, a exponer su opinión y a divertirse con otros hombres. Esto demuestra su independencia sentimental e intelectual, una vez que deja definitivamente de importarle su marido.

En su inercia, frente la muerte de su amante, Catalina trató de dar más atención a sus hijos, para apartarse de la soledad. Mastretta (1985, p. 97): “Con los niños todo era dar y parecer contenta”, Catalina enfrentó a Andrés cuando quiso casar a su hija más joven por interés económico. La apoyó, pero por el destino la joven acabó casándose con el pretendiente que le ordenó su padre. Catalina vivía presa en un casamiento infeliz. Lagos-pope (1895), acerca de la experiencia de la mujer frente a un casamiento desventurado, dice:

El matrimonio resultó ser para ella una fuente de frustraciones. Pero casarse es más que eso. Torpemente, la vida se lo va enseñando en lentas, complicadas y al principio increíbles experiencias. Algún día se integran de pronto aquellos trozos dispersos e incalificables y se encuentra desamparada, al borde de un derrumbadero, con la precisa sensación de que súbitamente ha de sentir el vacío que la arrastrará en vertiginosa caída (LAGOS-POPE, 1895, p. 738).

La mujer aprende a enfrentar cosas, pero no obtiene fuerzas y cae en el abismo. Con Catalina no será diferente, hasta que un día Andrés enferma y poco después muere. En su funeral la protagonista habla de su intento por sentir soledad y no lograrla. Mastretta (1985, p. 114): “Yo quise recordar la cara de Andrés. No pude. Quise sentir la pena de no ir a verlo nunca más. No pude. Me sentí libre [...]”. Percibe, finalmente, Catalina su conquista de la libertad. Mastretta (1985, p. 115): “Divertida con mi futuro, casi feliz”. Había ahora una chance para ella de elegir cómo iba a llevar su vida y cómo aspiraba a ser feliz, sin estar presa en un matrimonio, sin compromisos ni con sus hijos, ya que estaban grandes, y así podría irse para donde quisiera y rehacer su propia vida.

## **7 CONSIDERACIONES FINALES**

El estudio presenta su importancia a medida que proporciona visibilidad a un proceso gradual de la mujer que se estabiliza en su independencia. Enfatizando en el análisis la manera que la mujer sufre la subordinación y su conquista a través de una actitud de resistencia. En efecto, Ángeles Mastretta, nos presenta una literatura femenina que enfatiza el papel y la realidad de la mujer, entre un sistema político, cultural e ideológico. Posibilitando así construir una reflexión cerca de los episodios de dominación y resistencia, presentados en la obra. Hubo también en este sentido, la oportunidad en dialogar sobre la literatura femenina, los padrones que estas están intentando romper y debatir a partir de la concepción de diferentes autores (as) sobre las cuestiones entre género y otros temas demostrados en el presente trabajo.

El trayecto por el que pasó la protagonista son muestras de lo que vivieron las mujeres del siglo XX, y las cuestiones políticas dentro de una revolución de un país. El análisis ha demostrado episodios en que fue arrancado de Catalina su pureza y juventud, transformando la joven en una mujer sumisa bajo el mando de un general que por consecuencia se tornó su marido, un hombre dictador que va a cambiar totalmente la vida de la joven, que pasa por todo un proceso de sometimiento hasta su autonomía. Se demostró también en esta investigación, la inserción de la mujer en los espacios y cargos públicos dentro de la política, en que ella fue usada a partir de interés político y económico. También fueron presentados en el estudio momentos de actitudes dentro de la corrupción política y la mujer en el centro de estos

acontecimientos, ocupando los espacios. Además, se evidenció la toma de consciencia de parte de la protagonista, en que ella se tornará una mujer audaz, fuerte y autónoma, Catalina pasa por un proceso gradual de acontecimientos, que se consolidan en una emancipación.

Las relaciones de poder patriarcal que se instauran sobre las mujeres, son relaciones que se establecen a lo largo de la historia y que tienden a cambiar significativamente con las luchas que las mujeres han implantado desde el inicio de los años sesenta, con el movimiento feminista. En esta perspectiva, la mujer hoy día ha logrado grandes transformaciones en su realidad de vida, pero estas conquistas son lentas, teniendo a la vista prejuicios, dominios y desigualdades que se mantiene vigentes dentro de la sociedad contemporánea. De este modo nos encontramos frente a un problema sociocultural y de género, que necesita ser constantemente debatido y que el presente trabajo buscó discutir.

## REFERENCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: FATOS E MITOS**. São Paulo, 1970. Disponible en: <http://repositorio.ciem.ucr.ac.cr/jspui/bitstream/123456789/76/1/RCIEM060.pdf>. Acceso en: 08 de nov. 2019.
- BECK, Dinah Quesada; GUIZZO, Bianca Salazar. Estudos culturais e estudos de gênero: proposições e entrelaces às pesquisas educacionais. **HOLOS**, v. 4, p. 172-182, [S. L], 2013. Disponible en: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/viewFile/1597/714>. 09 de set. 2019.
- BELLIN, Greicy. A crítica literária feminista e os estudos de gênero: um passeio pelo território selvagem. **FronteiraZ**, n. 7, p. 75-85, [S.L], 2011. Disponible en: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5777393>. Acceso en 14 de set. 2019.
- BOURDIEU, Pierre. **1930-2002 A dominação masculina**/Pierre Kühner. - 11º ed. - Rio de Janeiro 160p. Bourdieu tradução Maria Helena Bertrand, Brasil, 2012. Disponible en: [https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1222/bourdieu\\_dominacaomasculina.pdf?sequence=1](https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1222/bourdieu_dominacaomasculina.pdf?sequence=1). Acceso en: 12 de nov. 2019.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade / tradução, Renato Aguiar.** — Rio de janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Disponible en: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/8534/7828>. Acceso en: 02 de set. 2019.
- CASTELLANOS, Rosario. La novela mexicana contemporánea y su valor testimonial. **Hispania**, p. 223-230, 1964. Disponible en: [https://www.jstor.org/stable/336655?seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/336655?seq=1#page_scan_tab_contents). Acceso en: 03 de out. 2019.
- CANEZIN, Claudete Carvalho. A mulher e o casamento: da submissão à emancipação. **Revista Jurídica Cesumar-Mestrado**, v. 4, n. 1, p. 143-156, [S. L], 2007. Disponible en: <http://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/revjuridica/article/viewFile/368/431>. Acceso en: 08 de nov. 2019.
- DE ALMEIDA SOUSA, Dignamara Pereira; DIAS, Daise Lilian Fonseca. **Quando a Mulher Começou a Falar: literatura e crítica feminista na Inglaterra e no Brasil**. In: Gênero na Amazônia, Belém, 2013. Disponible en: <http://www.generonaamazonia.ufpa.br/edicoes/edicao-3/Artigos/Artigo7-Dignamara%20e%20Daise.pdf>. Acceso en: 12 de set, 2019.
- DE BARBIERI, Teresita. Sobre la categoría género: una introducción teórico-metodológica. **Debates en sociología**, n. 18, p. 145-169, [S. L], 1993. Disponible en: <http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/debatesensociologia/article/viewFile/6680/6784>. Acceso en: 02 de set. 2019.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **Historia de las mujeres en Occidente**. Taurus Ediciones, Madri- Esp. 1991. Disponible en: Disponible en <https://dialnet.unirioja.es/servlet/libro?codigo=11809>. Acceso en: 09 de set. 2019.

GAMBA, Susana. Feminismo: historia y corrientes. **Mujeres en red. El periódico feminista**, [S. L], 2008. Disponible en:  
[https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/36893030/Feminismo\\_historia\\_y\\_corrientes.pdf](https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/36893030/Feminismo_historia_y_corrientes.pdf). Acceso en: 02 de set. 2019.

GARCÍA, Esther Casares. La función de la mujer en la familia. Principales enfoques teóricos. **Aposta. Revista de Ciencias Sociales**, n. 36, p. 1-21, España, 2008.  
[https://www.redalyc.org/pdf/4959/Resumenes/Resumen\\_495950229003\\_1.pdf](https://www.redalyc.org/pdf/4959/Resumenes/Resumen_495950229003_1.pdf). 12 de nov. 2019.

GOLUBOV, Nattie. La crítica literaria feminista contemporánea: entre el esencialismo y la diferencia. **Debate feminista**, v. 5, p. 116-126, [S. L], 1994. Disponible en:  
[https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/3858434/cr\\_tica\\_literaria\\_feminista.pdf](https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/3858434/cr_tica_literaria_feminista.pdf). Acceso en: 04 de set. 2019.

GUARDIA, Sara Beatriz. Literatura e escrita feminina na América Latina. **Anuário de Literatura**, v. 18, p. 15-44, Santa Catarina, 2013. Disponible en:  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/28217>. Acceso en: 18 de oct. 2019.

HERRA, Mayra. **El boom de la literatura latinoamericana: causas, contextos y consecuencias**. Universidad de Costa Rica, 1990. Disponible en:  
[http://www.icomoscr.org/literatura/\[EG0125\]01.Herra.El\\_BOOM\\_de\\_la\\_literatura\\_latinoamericana.pdf](http://www.icomoscr.org/literatura/[EG0125]01.Herra.El_BOOM_de_la_literatura_latinoamericana.pdf). Acceso en: 28 oct. 2019.

JURADO, Fabio. Los hitos de la literatura mexicana. **Literatura: teoría, historia, crítica**, v. 18, n. 2, p. 17-52, [S.L], 2016. Disponible en:  
<https://revistas.unal.edu.co/index.php/lthc/article/view/58726/58215>. Acceso en: 18 oct. 2019.

LAGOS-POPE, María-Inés. Sumisión y rebeldía: el doble o la representación de la alienación femenina en narraciones de Marta Brunet y Rosario Ferré. **Revista Iberoamericana**, v. 51, n. 132, p. 731-749, 1985. Disponible en: <http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/download/4101/4269>. Acceso en: 12 de nov. 2019.

LAMAS, Marta. **El género es cultura. España: OEI**, 2007. Disponible en:  
[https://www.perio.unlp.edu.ar/catedras/system/files/3.p\\_lamas\\_m.\\_el\\_genero\\_es\\_cultura.pdf](https://www.perio.unlp.edu.ar/catedras/system/files/3.p_lamas_m._el_genero_es_cultura.pdf). Acceso en: 02 de set. 2019.

LAMAS, Marta. **El género La construcción cultural de la diferencia sexual**. México, 2000. Disponible en:  
<https://pdfs.semanticscholar.org/54bb/cbccf52904005a53bda34f673b00ed364898.pdf>. Acceso en: 07 de set. 2019.

LERNER, Gerda; TUSELL, Mònica. **La creación del patriarcado**. Barcelona: Crítica, 1990. Disponible <<http://libroesoterico.com/biblioteca/Varios/VARIOS%203/151595186-La-Creacion-Del-PATRIARCADO.pdf>> Acceso em 05 de set. 2019.

LOPEZ, Irma M. **El boom de la narrativa femenina de México: su aporte social y sus rasgos literarios**. Agrupación Política Nacional, 2005. Disponible en:

<http://www.mujeresypunto.org.mx/publicaciones/2005/el%20boom.pdf>. Acceso en: 15 de oct. 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, história e educação: construção e desconstrução. Educação & Realidade**, v. 20, n. 2, 1995. Disponible en: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71722>. 05 de set. 2019.

LÖÖV Sandra. **La liberación femenina en la obra Mujeres de ojos grandes de Ángeles Mastretta**. Espanha, 2006. Disponible en: <http://lnu.divaportal.org/smash/get/diva2:205930/FULLTEXT01>. Acceso en 05 de nov. 2019.

MASTRETTA, Ángeles; SANANES, Adriana. **Arráncame la vida**. Seix Barral, 2002. Disponible en: [http://www.ignaciodarnaude.com/textos\\_diversos/Mastretta,Angeles,Arrancame%20la%20vida.pdf](http://www.ignaciodarnaude.com/textos_diversos/Mastretta,Angeles,Arrancame%20la%20vida.pdf). Acceso en: 02 de set. 2019.

ORTIZ, Víctor F. Torres. El canon y la literatura latinoamericana. **Mester**, v. 21, n. 2, 1992. Disponible en: <https://escholarship.org/content/qt1h5506rz/qt1h5506rz.pdf>. Acceso en: 10 de oct. 2019.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Estudos de gênero e história social. Estudos feministas**, p. 159-189, 2009. Disponible en: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/S0104-026X2009000100009/10988>. Acceso en: 05 de set. 2019.

ROLIM, Aline Prates. **Variantes Confessionais na obra de Ángeles Mastretta**. [S. L], 2006. Disponible en: <http://repositorio.ufms.br:8080/jspui/bitstream/123456789/824/1/Aline%20Prates%20Rolim.pdf>. Acceso en: 15 de set. 2019.

SARDENBERG, Cecília M. B.; COSTA, Ana Alice A. Feminismos, feministas e movimentos sociais. En: BRANDÃO, Margarida Luiza Ribeiro; BINGEMER, Maria Clara L.. **Mulher e relações de gênero**. Layola, São Paulo, 1994. p. 81-114.

SAVI DE ET AL. Débora. **Uma concepção feminina em Arráncame la vida de Ángeles Mastretta**. Santa Catarina - SC, 2001. Disponible en: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/79633>. Acceso en: 04 de nov. 2019.

SCOTT, Joan W. **El género: una categoría útil para el análisis histórico**. 1986. Disponible en: <http://www.bivipas.unal.edu.co/bitstream/10720/646/1/261-Scott,%20Joan%20W.pdf>. 09 de set. 2019.

STANTON, Anthony. Octavio Paz y los «contemporáneos»: la historia de una relación. In: **Actas del X Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas. Barcelona**. 1992. p. 1003-1010. Disponible en: [https://cvc.cervantes.es/Literatura/aih/pdf/10/aih\\_10\\_4\\_021.pdf](https://cvc.cervantes.es/Literatura/aih/pdf/10/aih_10_4_021.pdf). Acceso en: 05 de out. 2019.

STERNBACH, Nancy Saporta et al. Feministas na América Latina: de Bogotá a San Bernardo. **Revista Estudos Feministas**, v. 2, n. 2, p. 255, 1994. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16213/14762>. 14 de set. 2019.

TÖRNQVIST, Lina. **De novela a película: Un análisis comparativo de la protagonista en "Arráncame la vida"**. Espanha, 2015. Disponible en: <http://www.diva-portal.org/smash/get/diva2:806718/FULLTEXT01.pdf>. 12 de nov. 2019.

TORRES DE LA ROSA, Danaé. Contemporáneos y la canonización de la novela de la Revolución: El prestigio y la educación como ideales de una nación reconstrucción. **Literatura mexicana**, v. 21, n. 2, p. 171-196, 2010. Disponible en: [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S0188-25462010000200011&script=sci\\_abstract&lng=en](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S0188-25462010000200011&script=sci_abstract&lng=en). Acceso en: 05 de out. 2019.

TROIAN, Aline Dalpiaz. **Identidade feminina e história em Arráncame la vida e Mal de amores**. Caxias do Sul- RS, 2014. Disponible en: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/758/Dissertacao%20Aline%20Dalpiaz%20Troian.pdf?sequence=1;Dissertacao>. Acceso en: 05 de out. 2019.

ÜLIVEIRA, Ürlandina. **Subordinación y resistencia femeninas: notas de lectura**. M1989. Disponible en: <https://www.jstor.org/stable/pdf/j.ctv26d9qb.7.pdf>. Acceso en: 08 de nov. 2019.

WAQUIL, Marina Leivas. O boom latino-americano: recepção e tradução. **Translatio**, n. 7, p. 14. Rio Grande do Sul- RS, 2013. Disponible en: <https://www.seer.ufrgs.br/translatio/article/view/50907>. Acceso en: 07 de out. 2019.

ZAWIERZENIEC, Maja, **La mujer en el mundo latinoamericano literatura, historia, sociedad – el caso de México**. Traducción de MARTÍNEZ Joaquín González, CUADRADO, Juan Gutiérrez, Madrid- Esp, 2015. Disponible en: [https://www.researchgate.net/profile/Maja\\_Zawierzeniec/publication/326489604\\_La\\_mujer\\_en\\_el\\_mundo\\_latinoamericano\\_literatura\\_historia\\_sociedad\\_el\\_caso\\_de\\_Mexico/links/5b50a0eb0f7e9b240ff05855/La-mujer-en-el-mundo-latinoamericano-literatura-historia-sociedad-el-caso-de-Mexico.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Maja_Zawierzeniec/publication/326489604_La_mujer_en_el_mundo_latinoamericano_literatura_historia_sociedad_el_caso_de_Mexico/links/5b50a0eb0f7e9b240ff05855/La-mujer-en-el-mundo-latinoamericano-literatura-historia-sociedad-el-caso-de-Mexico.pdf). Acceso en: 20 de set. 2019.